



**“PORTUGAL COM FUTURO –
OS MÉDICOS DO AMANHÃ”**

PROPOSTA POLÍTICA SETORIAL

“There is no health for all without healthcare professionals. Investing in Health is investing in the socio-economic growth and development of the society”

Subscritor: JSD Distrital de Coimbra

A prova nacional de acesso à especialidade, depois de 40 anos praticamente igual, sofre em 2019 drásticas mudanças que alterarão o modelo desta, que se mostrou ser insuficiente para o contexto médico português, onde apresentava uma bibliografia desadequada e onde a memorização era a “palavra de ordem”. Com esta importante mudança no Harrison, nasce a oportunidade única para se proceder a alterações estruturais aos vários problemas associados à Medicina em Portugal, nomeadamente o constante aumento de médicos indiferenciados, a degradação do Serviço Nacional de Saúde e a potenciação da qualidade de ensino dos estudantes de medicina.

Embora transversal a praticamente todas as classes, o desemprego em Medicina, durante longos anos, foi considerado apenas uma mera miragem, que nunca se tornaria numa realidade. Talvez por isso nenhum dos Governos, Universidades e Instituições tentou, afincadamente, alterar os moldes de como se formavam os médicos do amanhã, o que levou a graves consequências, como a degradação do ensino destes e a existência de médicos indiferenciados em grande número – estudantes que acabaram o Curso de Medicina, mas que por falta de vagas não conseguiram prosseguir na sua carreira profissional e começar a sua especialidade médica, o que por si impossibilita-os de trabalharem em unidades de saúde nos mesmo moldes que os seus colegas que conseguiram uma vaga.

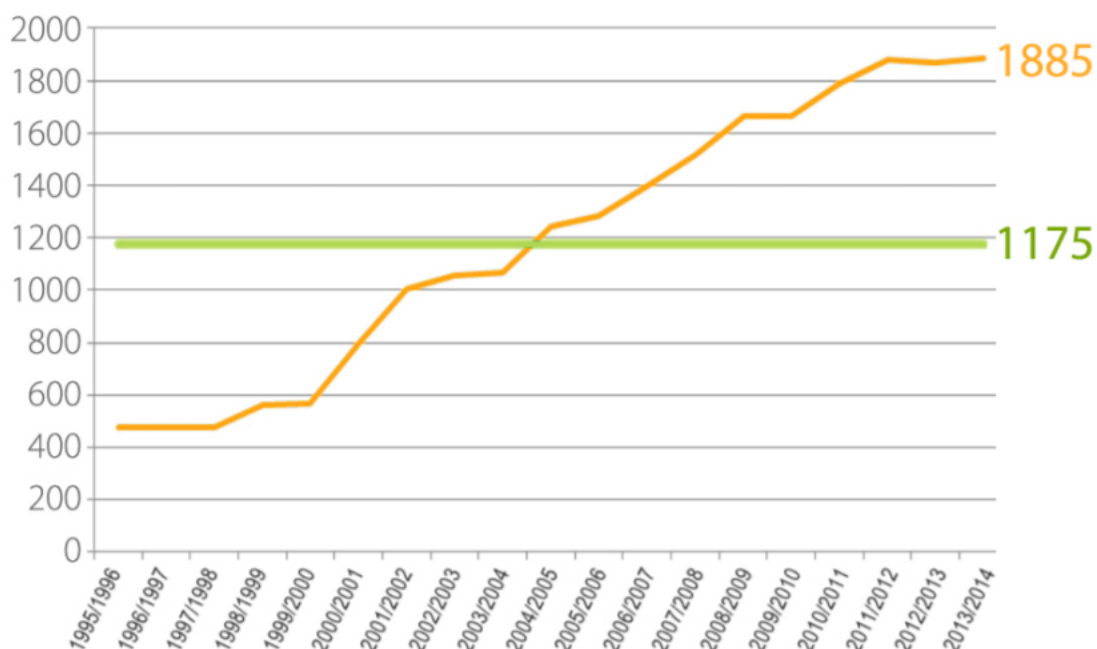
Foi em 2015 que, desde 2004, se verificou em Portugal um número de candidatos superior ao número de vagas, deixando de fora do Internato mais de 100 alunos, número que voltou a aumentar em 2016 para mais de 150.

No ano passado (2017) os números foram ainda mais alarmantes: 347 recém-graduados que viram o seu futuro ameaçado e que, por isso, viram-se obrigados a repetir o exame de acesso à especialidade ou a emigrar – algo que se tornou habitual entre os estudantes de medicina nos recentes anos. Uma coisa é certa: este número seria muito maior se

fossem contabilizados os desistentes da prova e que se juntam a todos aqueles que repetem o exame.

Com o avançar dos anos, e sem nenhuma mudança drástica na Medicina Portuguesa programada, temo que a “exportação” de jovens médicos passará a ser uma triste realidade de Portugal.

Hoje são oito as Universidade que apresentam o curso de Medicina e mais duas o Ciclo Básico (nas Regiões Autónomas), albergando por ano mais de 1800 novos alunos, número que contrasta com as 800 vagas dos anos 80, o que representou um aumento para praticamente o dobro e que colocou diretamente em causa a manutenção da qualidade de ensino destes alunos, e onde o subfinanciamento do Ensino Superior e das Escolas Médicas contribuiu muito.



Sendo o Estado quem paga a formação destes novos estudantes, cabe-lhe assegurar uma formação de qualidade àqueles que serão um dia os responsáveis pela saúde dos portugueses, algo que não se verifica atualmente, onde a degradação geral do ensino é notória nas várias Faculdades de Medicina, e que se refletiu também da degradação do SNS, que passou a receber jovens médicos menos preparados.

Aliada a esta degradação geral da qualidade do ensino da Medicina, temos verificado cada vez mais a saída dos grandes clínicos para o setor privado, dada a maior competitividade deste setor face ao setor público, que oferece condições de trabalho e remunerações vergonhosas. Por estas e por muitas outras razões o descabro da Saúde portuguesa passou a ser tema do dia, apesar de ainda não ser visível nenhuma proposta de resolução do atual Governo.

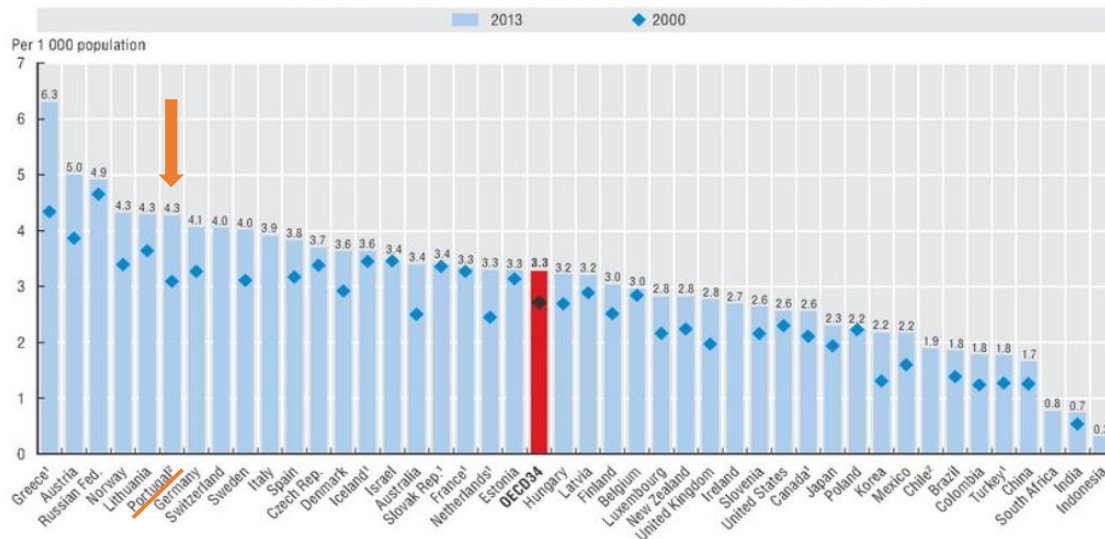
A **Juventude Social Democrata**, enquanto representante máxima de todos os jovens, em particular dos jovens estudantes de medicina, deveria demonstrar mais preocupação com a atual situação que se vive nas Escolas Médicas e nos Hospitais espalhados por todo o País. Sendo assim, urge a necessidade de haver reuniões com os Núcleos de Estudantes espalhados pelas várias Faculdades, com a ANEM (Associação Nacional de Estudantes de Medicina), que muito tem trabalhado para apresentar soluções para os problemas de quem representa, e ainda com o Ministro da Saúde e com o Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, as duas personalidades com o poder político, com a capacidade única de procederem às urgentes mudanças estruturais e legislativas e com a responsabilidade de assegurar a qualidade da formação Médica em Portugal.

São várias as **estratégias** que podem ser defendidas e levadas a discussão na Assembleia da República através dos deputados da JSD, pondo, de uma vez por todas, as consequências deste na mesa. Aqui sugiro algumas, pelo que peço a maior atenção do/a Companheiro/a:

1.º - Redução do número de ingressos no Curso de Medicina e no Ciclo Básico de Medicina, permitindo assim que se controle o número de estudantes que entram nas várias Faculdades espalhadas pelo país e, sendo assim, a redução do número de médicos indiferenciados, apesar de esta medida apenas ter consequências a médio prazo, pelo que urge um acompanhamento constante da situação. Mesmo sendo polémica, esta é a principal medida a tomar pelo atual

e pelos próximos Governos , sendo que para isso devemos ter em conta que em Portugal não há falta de médicos, mas sim uma má distribuição destes entre o Litoral e o Interior, como também das próprias especialidades – dados da OCDE indicavam que Portugal apresentava uma das taxas mais elevadas de número de médicos por habitante.

5.1. Practising doctors per 1 000 population, 2000 and 2013 (or nearest year)



1. Data include not only doctors providing direct care to patients, but also those working in the health sector as managers, educators, researchers, etc. (adding another 5-10% of doctors).
 2. Data refer to all doctors licensed to practice (resulting in a large over-estimation of the number of practising doctors in Portugal, of around 30%).
- Source: OECD Health Statistics 2015, <http://dx.doi.org/10.1787/health-data-en>.

StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933280876>

Sendo assim, a Juventude Social Democrata deveria sugerir a redução do *numerus clausus* em $\frac{1}{2}$, a extinção do concurso especial para licenciados (ou, no mínimo, a redução do número de vagas deste) e ainda a redução da percentagem de 3% para 1,5% das vagas totais para os Contingentes Açores e Madeira.

2.ª - Aumento do número de vagas em especialidades que carecem de profissionais, tais como na oftalmologia, ortopedia ou anestesia, especialidades que atravessem dificuldades devido às poucas vagas que se verificam todos os anos, tendo sempre em conta que a qualidade deve ser tida em conta em primeiro lugar.

3.ª – Programar a reforma antecipada de vários clínicos, permitindo assim que se crie um maior número de vagas por preencher nos Centros de Saúde e nos Hospitais. Está previsto que entre 2020 e 2030 ocorrerá um maior número de

aposentações de médicos, dado que mais de metade dos atuais apresentam mais de 50 anos, pelo que um planeamento bem delineado seja fundamental para colmatar os problemas que hoje se vivem.

4.º – Apostar no aumento da qualidade das instalações de saúde públicas e na remuneração dos clínicos, que permitirá a retenção dos vários *experts* no setor público e anular a constante saída destes para o setor privado.

5.º - Criação de um plano para a retenção de médicos em Regiões com défice deste – o que permitirá uma melhor distribuição por todo o país, evitando assim que haja zonas em Portugal com falta de várias especialidades essenciais.

Estas são apenas algumas das várias medidas a serem tomadas pelos próximos governantes, cabendo à Juventude Social Democrata levar a debate e denunciar a ingerência de décadas que tem as suas consequências agora. Existe vontade por parte dos estudantes de medicina para se alterar este paradigma, tendo sido até criado um Grupo de Trabalho, o GTRRIM que criou um diploma 2015 e que foi levado a discussão em 2018 à Assembleia da República, cabendo agora a nós perpetuar este esforço, enquanto melhor Juventude Política de Portugal.

Ainda vamos a tempo de reverter este grave problema, mas sem o apoio de todos nada será alterado. **Cabe a nós, apaixonados pela política, começar esta luta e fazer o que nos é unicamente pedido: resolver os problemas dos jovens portugueses.**

Por uma Social Democracia com Futuro

Por um Portugal com Futuro